



Brasil

HCTR0269

DE NAU A P

A caravela pifou, Greca foi demitido, índio apanhou no dia de sua festa. Nem carnavalesco teria imaginação para esse enredo

Sandra Brasil e Daniella Camargos

A festa dos 500 anos acabou em samba-enredo. Para comemorar a chegada de Pedro Álvares Cabral a Porto Seguro, programou-se a aparição de um navio-abre-alas, uma réplica da nau *Capitânia*, aquela que conduziu a frota portuguesa na travessia do Atlântico. Quando zarpu para o local da festa, o barco ficou cheio de água e interrompeu a viagem antes que afundasse com toda a tripulação. Os índios esperados na festa de 22 de abril, capitaneada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e seu colega português Jorge

Sampaio, pertenciam a diversas tribos e usavam seus trajes rituais: penachos, colares, bermudas e sandálias Havaiana. Não satisfeito com o uniforme de praxe, o Ministério do Esporte e Turismo mandou confeccionar sungas e maiôs cor da pele, para que os moradores originais do Brasil escondessem suas vergonhas caso resolvessem aparecer na festa com os balangandãs de fora. Havia uns 3 000 sem-terra nas imediações, ameaçando melar a comemoração oficial com um protesto. Quando os indígenas e os sem-terra decidiram aproximar-se da ala das autoridades,

**"Estou tomando remédio para engravidar.
Por aí vocês imaginam a pressa
que eu tenho de voltar para casa."**

Melanie Griffith, atriz americana, mulher do ator espanhol Antonio Banderas, discursando numa cerimônia comemorativa do Dia da Terra

**"A mulher tem de ser submissa ao homem.
Ela deve se colocar no lugar dela, ser sexy..."**

Marcelinho Carioca, craque do Corinthians e atleta de Cristo

**"Com o devido respeito, acho que o sistema
erra ao ser tão leniente com um infrator
de 18 anos viciado em drogas."**

LeAnn Demsey, jovem americana condenada, pedindo ao juiz para aumentar sua sentença

Chico

Quem somos? Aonde vamos?



— Sei lá...



Arc* e o Descobrimento

Depois de ler jornais e revistas e de ver shows e noticiários na televisão sobre o descobrimento do Brasil, Arc, o marciano, ficou muito atrapalhado. Queria saber por que tinha gente comemorando e gente protestando.

- É complicado, Arc, mas vamos tentar. Vou simplificar, tá? Fora manifestações políticas que não tinham nada a ver com a data, havia um grupo de índios descontentes com a situação a que foram relegados nestes 500 anos e um grupo de — digamos — brancos comemorando a descoberta pelos portugueses do que hoje virou este nosso Brasil.
- ◆ **O que eu não entendo é quem descobriu quem...**
 - Fácil: os índios, que viram homem branco pela primeira vez, de certa maneira "descobriram" os portugueses, que, por sua vez, "descobriram" os índios e esta terra onde eles moravam, porque nunca haviam estado aqui antes.
- ◆ **Então os dois lados deveriam estar comemorando...**
 - Negativo, marciano. Os índios, que eram 4 ou 5 milhões na época do Descobrimento, hoje são 350 000. Querem terras para morar, só deles, e querem garantias de que o homem branco não vai continuar matando sua gente.
- ◆ **Então, o que o homem branco tem para comemorar? O desaparecimento de milhões de índios?**
 - Arc, que absurdo! Claro que não. Até porque os índios não foram as únicas vítimas do processo de civilização. Teve também os escravos trazidos da África...
- ◆ **Continuo sem entender o que tem para comemorar.**
 - Arc, apesar disso tudo, o Brasil virou uma grande nação, ainda com muitos problemas graves, mas com conquistas importantes em diversos setores.
- ◆ **Tá bem, entendi. Descobriram-se uns aos outros, mas quem comemora mesmo é quem levou a melhor.**

* Arc é marciano e invisível e vem regularmente à Terra — inclusive ao Brasil — para ver se vale a pena Marte investir aqui. Por enquanto, ele está achando que não dá... (arc@bol.com.br)

TEAGA

Editado por Julio Cesar de Barros

CONSPIRAÇÃO DIABÓLICA

Qual o país onde se matam mais presidentes? A se julgar pelas teorias conspiratórias, o Brasil disputa os primeiros lugares

João Goulart

Morreu de problemas cardíacos em dezembro de 1976 numa fazenda da província argentina de Corrientes. Como seu corpo não foi submetido a autópsia, o ex-governador do Rio de Janeiro Leonel Brizola disse na semana passada suspeitar que Goulart possa ter sido executado por militares argentinos e brasileiros



AG. ESTADO

Juscelino Kubitschek

Morreu em 1976 num choque de seu Opala com um ônibus em Resende, na Rodovia Presidente Dutra. Embora não haja uma única indicação razoável, especula-se que o Opala teria explodido antes de o motorista perder a direção e bater no ônibus. Mais uma vez, a culpa seria dos militares



JOEL MATA

Tancredo Neves

Morreu em 1985 vítima de uma infecção generalizada. Os defensores da tese de assassinato falam em erros médicos propositais, envenenamento e até numa bactéria que teria sido injetada em seu organismo. Neste caso também os culpados seriam os militares



ORLANDO BRITO



**Greca, que ri
entre os índios
dias antes de
perder o
emprego: saiu
elogiando**

ROBERTO STUCKERT FILHO/AG. O GLOBO

IOR

entrou em ação a ala da Polícia Militar baiana, integrada por 5 000 rapazes bem nutridos. O resultado foi o que se viu na TV. Os índios, que apanham dos brancos desde os tempos de Cabral, apanharam novamente, desta vez em companhia dos sem-terra.

Na batalha campal de Porto Seguro, houve pancadas e prisões, mas apenas uma vítima com cicatrizes de guerra para mostrar aos netos. Ainda assim, com cicatrizes modestas. Chama-se José Carlos Araújo Ferreira, 22 anos. Apesar do sobrenome lusitano, é índio, mora em Alagoas e voltou para casa com um

O JOGO DOS SETE ERROS

Os brasileiros não conseguiram repetir em 2000 o que os portugueses fizeram em 1500. O governo federal e um grupo de empresas investiram 3,5 milhões de reais na construção de uma réplica incrementada com motores e camarotes da nau usada por Pedro Álvares Cabral. O objetivo era fazer a viagem entre Salvador e Santa Cruz Cabrália a tempo de participar da festa dos 500 anos. Um festival de defeitos fez com que a embarcação voltasse rebocada para o porto de origem. Mas não tem nada, não. A nave perdeu as comemorações, mas vêm aí as festas juninas. Vai ter madeira de sobra para fogueira. Veja a seguir os sete erros que impediram o sucesso da missão

- 1** Uma semana antes da viagem, a Marinha considerou a nau instável e mandou colocar um peso extra de 14 toneladas de chumbo para corrigir o problema.
- 2** O engenheiro responsável admitiu que esqueceu de fatores ambientais no cálculo. Refez as contas e disse que o navio precisaria de 18 toneladas de chumbo a mais e não as 14 determinadas pela Marinha.
- 3** A essa altura, não havia tempo hábil para encomendar as 4 toneladas a mais de chumbo. O peso foi completado com sacos de cimento.
- 4** Na segunda-feira, já atrasada, a nau deixou o porto. Ainda na Baía de Todos os Santos, as cordas que sustentam o mastro cederam. A viagem parou para que elas fossem reajustadas.
- 5** A bomba de água responsável pelo resfriamento do primeiro motor pifou. A nau seguiu com o motor auxiliar.
- 6** Em seguida, o tanque de óleo combustível foi contaminado com água. O segundo motor parou, deixando a nau à deriva na costa de Ilhéus.
- 7** Resolvido esse problema, o comando hidráulico do leme quebrou. A nau voltou rebocada para Salvador.



WILSON BESNIK/A TAIDE

Marés: o presidente da Funai estava com os dias contados e aproveitou a confusão para sair atirando

humilde corte na perna. De acordo com a polícia e as autoridades federais envolvidas na segurança do presidente, empregou-se apenas a força necessária para evitar o pior. “O gás lacrimogêneo foi lançado para impedir o contato físico, o confronto com os índios”, afirma o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso. Como diz a citação famosa, a história se repete — da primeira vez, como tragédia; da segunda, como farsa. Quando aqui desembarcaram há 500 anos, os portugueses não evitaram o contato físico com os índios. E com as índias, principalmente. Cinco séculos depois, as autoridades de Brasília jogam gás lacrimogêneo na turma da tanga para mantê-la a distância.

Examinando-se a festa sem as paixões do que nela se envolveram fisicamente, tudo terminou bem no fim das contas. Não houve vítimas graves. O prejuízo com a caravela avariada vai para os cofres públicos, sempre tão generosos. Os sem-terra, mesmo tendo recebido do governo um território equivalente a cinco Dinamarcas, puderam manifestar seu eterno descontentamento com Brasília. E isso é o que eles mais gostam de fazer. Os índios, que pela primeira vez na História brasileira estão passando por uma fase de crescimento populacional e são donos de reservas superiores ao tamanho de duas Alemanhas, também tiveram uma boa oportunidade para lembrar ao país os cinco séculos de exploração que sofreram. No governo, também houve ganhos. O presidente Fernando Henrique Cardoso arrumou por fim um pretexto inamovível para derrubar o ministro que organizou a

festa dos 500 anos, o paranaense Rafael Greca, do Esporte e Turismo, demitido na quinta-feira passada. É obrigatório lembrar que Greca estava marcado para a demissão havia meses, desde que começaram os rumores sobre aqueles negócios esquisitos com bingos. A festa do Descobrimento só forneceu a gota d'água que faltava. Amante dos detalhes, o ministro fez questão de colocar a insígnia dourada de deputado na lapela do paletó antes de conversar com o presidente FHC sobre sua saída. “Desde a minha posse como ministro, ela estava guardada na gaveta da mesa de cabeceira”, diz Greca. Depois da demissão, para relaxar, Greca ouvia concerto de

Bach para flauta no seu gabinete decorado com as cores da bandeira nacional, enquanto sua mulher, Margarita, andava pela sala com uma máquina fotográfica. “Margarita, a bênção da minha vida, está fotografando o gabinete para nós levarmos de lembrança”, explicou o ex-ministro. Esse vai fazer falta.

O presidente da Fundação Nacional do Índio, Carlos Frederico Marés, decidiu pedir demissão quando viu no que deu a festa. “Não posso permanecer num governo que faz uma agressão física ao movimento indígena organizado”, declarou. “O confronto foi um ato de violência comparável à repressão militar da década de 60”, disse. Perceba-se:



numa mesma semana, FHC foi comparado a Collor e a Costa e Silva, Médici, Geisel... Colocado na presidência da Funai pelo ex-ministro da Justiça José Carlos Dias, Marés não se entendia com o novo ministro, José Gregori, e seria demitido mais cedo ou mais tarde. Provavelmente mais cedo. Teve a esperteza de politizar a sua saída.

Assim, a festa dos 500 anos acabou em Marquês de Sapucaí. Talvez uma das razões desse desenlace maravilhosamente brasileiro seja a feliz intervenção do caráter afável que o habitante desta terra adquiriu no cruzamento das três raças que dão o eixo dominante de seu temperamento. Durante os cinco séculos de sua História, o Brasil passou por muitos períodos de brutalidade, exercida invariavelmente contra os elementos mais frágeis de sua população. Os índios eram 6 milhões no Descobrimento e são apenas 350 000 hoje. Os negros foram para o canavial, a senzala e o açoite. É preciso não esquecer, no entanto, que o Brasil nunca teve guerras religiosas ou étnicas produzidas com a mortandade que se vê ainda hoje em outros países. Há uma língua geral e uma cultura comum num território que poderia ter-se estilhaçado em dezenas de países, não fosse a herança que o brasileiro carrega de sentir-se membro de uma mesma nação, do Pará ao Rio Grande do Sul. Porto Seguro foi, na semana passada, um

bom símbolo do Brasil cinco séculos depois do Descobrimento. Muito discurso, muito lufa-lufa, muito mau teatro de todos os lados e, no fim, todo mundo de volta à rotina na Quarta-feira de Cinzas.

Não se poderia pedir a estrangeiros que vissem a festa como acontecimento pitoresco. No dia seguin-

Estudantes, índios, punks e sem-terra tentam entrar em Porto Seguro. À direita, jornais estrangeiros criticam a violência da repressão

FIASCO VIA SATÉLITE

The Observer
Indians lead protests as Brazil parties

CORRIERE DELLA SERA

La Chiesa chiama gli indios

The Boston Globe
Police under fire after Brazil celebrations

ammette «peccati»

Brazilians Shrug Off Discovery Festivities
Price Tag, Actions By Police Decried

Le Monde

Le Brésil fête ses 500 ans sous haute surveillance
Les paysans sans terre et les

EL PAIS

Libération

Le Brésil célèbre ses 500 ans en réprimant les Indiens
Indigènes et paysans empêchés de manifester.

Süddeutsche Zeitung
Vorlesung auf dem Festschiff vor dem Widdersturm

Jubiläum ohne Jubel



die Nonnas und le divisioni della comunità cattolica

ammette «peccati»

Police under fire after Brazil celebrations

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

ammette «peccati»

A CURVA DA POPULARIDADE



Fonte: Vox Populi

te, os ecos da comemoração, embalados pela indignação das ONGs, espalhavam-se por publicações de todo o mundo. Nas manchetes, o país de FHC ficou muito mal. "Brasil comemora 500 anos reprimindo índios", escreveu o jornal francês *Le Monde*. O britânico *The Observer*: "Índios lideram protestos enquanto o Brasil festeja". O espanhol *El País*: "Amargo quinto centenário no Brasil". Qualquer coisa que se diga em favor dos índios brasileiros será pouco, porque a dívida do país com eles é pesadíssima. Não se pode afirmar o mesmo em relação aos integrantes do Movimento dos Sem-Terra, também barrados pela PM na festa de Porto Seguro. Como parte das comemorações dos 500 anos, o MST programou 500 invasões espalhadas pelo Brasil. Poucos dias antes do festejo, o MST estava numa cidade vizinha a Porto Seguro e havia programado uma marcha de protesto até o local do evento oficial. "Queremos protestar contra 500 anos de latifúndio", disse Valmir Assunção, da

coordenação nacional do movimento. Insuflados pelos padres do Conselho Indigenista Missionário e da Comissão Pastoral da Terra, índios e sem-terra decidiram fazer sua marcha para deixar claro que eram contra o governo. Encontraram reforço junto a integrantes do movimento negro, sindicatos e até um curioso grupo de punks, que aderiu. A polícia ergueu dez barreiras para impedir o acesso dos manifestantes a Porto Seguro e conseguiu barrá-los.

Que a história é escrita pelos vencedores é sabido. Nas cerimônias de Porto Seguro descobriu-se que os vencidos estão tendo cada vez mais voz ativa e se fazendo notar. De todo o espetáculo montado pelo governo para comemorar o descobrimento do Brasil, o que ficará são as imagens de índios e sem-terra sendo contidos à força por policiais de choque e o solene pedido de perdão feito pelos bispos católicos — e prontamente rebarbado pelas lideranças dos silvícolas. Viver hoje um período inédito na história da

humanidade. Pela primeira vez, opressores de ontem se desculparam perante aqueles que molestaram. Até o papa João Paulo II pediu perdão pelos erros cometidos pela Igreja. Nem sempre foi assim. Os Estados Unidos comemoraram o bicentenário de sua Constituição em 1987 com grandes festas. Não houve nenhum protesto marcante dos descendentes dos índios que ocupavam a América do Norte antes da chegada dos colonizadores europeus. Nunca fora costume das nações, etnias ou grupos vitoriosos se dar ao trabalho de pedir perdão pelos pecados cometidos contra os vencidos no passado.

Todo país tem suas nódoas. O inglês Henrique V, que triunfou sobre os franceses na famosa batalha de Agincourt em 1415, mandou matar milhares de prisioneiros e feridos em poder de seu exército, uma crueldade chocante até para a moral da Idade Média. Foi um massacre realizado à luz do dia por arqueiros mercenários depois que os soldados regulares ingleses se recusaram a participar da



Policial puxa o cabelo de manifestante rastafari: "Em todos os países do mundo, segurança de chefe de Estado é duríssima", diz o general Cardoso

também pela intolerância que resultou nas guerras religiosas e até pelo papel ambíguo que o Vaticano teve durante a perseguição aos judeus pelos nazistas durante a II Guerra Mundial. "Todos os povos, sem exceção, usaram sua superioridade técnica e bélica para a conquista", diz Jared Diamond, pesquisador americano au-

execução sumária decretada pelo rei. Em parte graças a William Shakespeare, Henrique V passou à História como herói e gênio militar. Nunca ocorreu aos britânicos pedir desculpas aos franceses pela explosão de ódio de seu rei. Como a república francesa também nunca se desculpou perante os descendentes dos nobres pelos chamados "Massacres de Setembro", de 1792. Nesse episódio, os revolucionários mataram a sangue-frio 1 200 prisioneiros surpreendidos enquanto dormiam em sua cela. Na Antiguidade, os romanos trucidaram povos inteiros para manter sua dominação. Ninguém espera agora que os italianos se desculpem pelos excessos dos centuriões. A história da África negra é pontilhada de conquistas sangrentas e eliminação em massa das tribos vencidas. Isso antes e depois da chegada dos europeus, que se entregaram com volúpia à matança. Os britânicos mataram 11 000 africanos da tribo Kikuyu no Quênia nos anos 50. Até hoje não houve pedido de

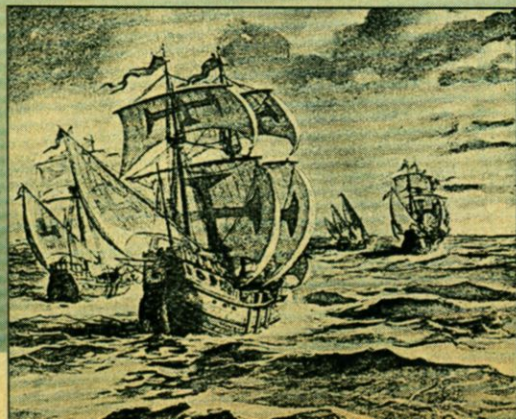
perdão. E por acaso maias e astecas, destruídos pelos conquistadores espanhóis, receberam reparações ou desculpas? Não. Astecas e maias tampouco se desculparam, eles próprios, por terem dizimado as tribos menos belicosas que ocuparam a América Central antes deles. Também não se tem notícia de que os índios tupiniquins, habitantes da costa brasileira quando da chegada de Cabral, tenham tido um momento de remorso por terem expulsado os tupinambás do litoral a golpes de borduna.

A culpa parece pesar mais fortemente sobre os ombros do homem branco. O papa João Paulo II encarnou recentemente essa elevação ética que tem sido a tônica desse começo de milênio. Num édito de noventa páginas ele pediu perdão por erros cometidos pela Igreja em 2 000 anos de existência. No documento, intitulado "Memória e Reconciliação", o papa se penitencia pelo fato de a Igreja ter fechado os olhos às crueldades dos colonizadores europeus das Américas. Pede perdão

tor do best-seller *Guns, Germs and Steel* ("Armas, Germes e Aço"), um relato brilhante de como as civilizações mais poderosas submeteram as menos aparelhadas ao longo da história humana. Estamos vivendo agora um período de rara elevação ética. É a hora do perdão. Um sentimento muito positivo, pois a lembrança envergonhada dos pecados do passado pode ser uma garantia de que eles não serão repetidos no futuro.

No caso específico do brasileiro, pedir perdão aos índios, como fizeram alguns bispos, é uma atitude civilizada, mas ela tem um aspecto bizarro. Um estudo recente do geneticista mineiro Sérgio Danilo Pena mostrou que 70% dos brasileiros que se definem como brancos têm índios ou negros, ou ambos, entre seus ascendentes. Ou seja, somos um país mestiço em que até a minoria branca tem sangue negro e índio. Sendo assim, talvez o mais adequado fosse sair pelas ruas pedindo perdão a qualquer brasileiro que se encontrar. As pessoas

NÃO SE FAZEM MAIS NAUS COMO ANTIGAMENTE



Dos treze navios da armada de Cabral que vieram ao Brasil, sete afundaram. Na época dos descobrimentos as baixas eram consideradas normais. Embora fossem construídas com o que havia de mais sofisticado, as caravelas daquele tempo, as que navegavam, eram muito frágeis. Elas representaram um salto tecnológico tão grande que as técnicas empregadas na construção eram guardadas como se fossem segredo de Estado. Uma das principais novidades foi o desenvolvimento de uma vela que permitia às naus manobrar para navegar "contra" o vento. Essa descoberta foi decisiva para encorajar os primeiros navegadores rumo às terras desconhecidas.



Índios de fora da festa: em 500 anos, população reduzida de 6 milhões para 350 000

AGUIBERTO LIMA/AE

mais introspectivas poderiam muito bem olhar-se no espelho e pedir perdão ao índio que carregam dentro de si, escondido nas dobras de seu DNA.

Depois dessa corrente de pedidos de perdão, o brasileiro poderia também perdoar, generosamente, os incompetentes que cuidaram do projeto nau *Capitânia*. Eis aí um símbolo perfeito, carnavalesco mesmo, de como funcionam as coisas no Brasil moderno. Mesmo vivendo num país que dispõe de tecnologia náutica para construir navios de grande calado, as autoridades de Brasília não conseguiram colocar em movimento um barco de madeira igual aos que se usavam 500 anos atrás. O projeto foi desenvolvido pelo Clube Naval do Rio de Janeiro, com consultoria do arquiteto francês Henri Scholmoff, que fez diversas pesquisas em Portugal. Como a maioria das informações sobre a embarcação original foi destruída num terremoto no século XVIII, o arquiteto se baseou numa embarcação de Vasco da Gama, semelhante à de Cabral. A estrutura do casco

foi construída com madeira de cedro da Amazônia e recoberta por uma camada de resina especial. A *Capitânia* brasileira possui quatro banheiros e onze cabines com ar condicionado. Também foram instalados freezer, geladeira, forno de microondas, um sistema de navegação por satélite, o GPS, rádio e radar. Por segurança e para não ter de depender do vento, o barco conta com dois motores. Como se vê, a nau pode até ter dificuldade para navegar, mas no quesito conforto ela é nota 10.



AGUIBERTO LIMA/AE

A vítima mais grave: corte na perna por causa de uma bomba de gás

Mais do que o fracasso náutico, chama a atenção a operação administrativa e financeira que se organizou em torno da nau *Capitânia*. O governo conseguiu repetir em cada etapa de construção do barco aquela conhecida lista de vícios freqüentes em obras públicas. Para alguns historiadores, a construção da nau é uma verdadeira aula sobre o Brasil estatal. Eis os vícios contidos no projeto:

Vício nº 1: Superfaturamento. Orçada em quase 4 milhões de reais, tem gente dizendo que poderia ter custado menos de 3 milhões. O Ministério Público já investiga o caso.

Vício nº 2: Atraso. Encomendada à Base Naval de Aratu, em Salvador, a nau começou a ser construída em julho de 1998 e deveria estar navegando em fase experimental em dezembro de 1999.

Vício nº 3: Paralisação da obra. Durante alguns meses do ano passado, o governo deixou de repassar dinheiro para o projeto. Em julho, sem poder trabalhar, os 65 funcionários que construíam o barco entraram em férias coletivas.

Vício nº 4: Projeto malfeito. O quadro da página 45 descreve os sete erros que impediram a *Capitânia* de navegar. No início da década de 90, um pequeno estaleiro baiano construiu uma réplica da nau *Niña*, da esquadra de Cristóvão Colombo. O barco foi usado no filme *1492 — A Conquista do Paraíso*, de Ridley Scott, e navega bem até hoje. Já a *Capitânia*...